



SNIPER AMERICANO: A CONSTRUÇÃO DE “HERÓI” SOB A ÓTICA DAS INSTITUIÇÕES TOTAIS

Uma análise crítica do filme “Sniper Americano”, de Clint Eastwood (2014)

O filme “Sniper Americano”, lançado em 2014, produzido pela Warner Bros e dirigido por Clint Eastwood. O personagem principal, Chris Kyle, foi interpretado com maestria pelo ator Bradley Cooper. As cenas foram filmadas na Flórida e em Marrocos, com duração de 133 minutos.

O tema central envolve a formação de um atirador de elite da marinha dos Estados Unidos e sua heroica trajetória em campos de batalha, destacando-se entre os demais desde o período de treinamento militar, até nos combates iraquianos. Com cenas intensas de combate e momentos de suspense, somadas a questões psicológicas e sociais, representa um campo fértil a abordagens acadêmicas.



O filme é baseado na autobiografia homônima de Chris Kyle e relata a história verídica desse atirador de elite do SEAL (grupo de elite das forças especiais da marinha americana), a quem são atribuídas, aproximadamente, 160 mortes, totalizadas em 10 anos, no decorrer 4 incursões iraquianas. Este atirador foi considerado herói por seus

compatriotas e era conhecido como “A lenda”, tendo recebido diversas condecorações por sua atuação em combate.

No entanto, após sua última missão iraquiana, o atirador americano, já de volta ao lar, à convivência familiar e às atividades voluntárias no Centro de Veteranos, é assassinado por um ex-fuzileiro naval com problemas psiquiátricos, que recebia ajuda de Chris Kyle.

Na primeira cena, o personagem principal, Cris Kyle, está no Iraque, junto a outros militares americanos. Do alto de uma construção semidestruída, ele visualiza uma mulher entregando uma granada russa a um garoto de aparentemente 7 anos, que sai na direção do comboio de militares americanos em solo. Neste momento, o sniper é informado por seu superior, via rádio, que ele deve decidir se atira ou não, pois só ele tem a visão privilegiada do garoto e da mulher em solo. Já neste primeiro contato, o diretor deixa claro que a vida de uma criança, dos militares americanos, o sucesso da missão está sob a total responsabilidade do atirador, de Kyle. Ensinamentos preconizados durante o treinamento e carreira militar, como por exemplo: espírito de corpo e liderança (GOFFMAN, 2001; LEAL, 2013).



Nesse exato momento, o filme faz um retorno à sua infância, onde ele está caçando com o pai numa floresta e atinge um alce com um tiro de rifle. Kyle solta a arma no chão e corre para ver o animal atingido. Nisso, o pai, então, o adverte: “*Nunca deixe seu rifle no chão*”! Kyle retorna (com olhar assustado), responde “*Sim, senhor*”! e pega seu rifle do chão. Ambos seguem caminhando, enquanto o pai elogia a pontaria do filho, afirmando que ele será um grande caçador.

As cenas seguintes mostram a convivência familiar de Kyle, seu irmão caçula e seus pais. O pai explica que, no mundo, existem três tipos de pessoas: ovelhas, lobos e pastores. Onde, as ovelhas são as pessoas que não acreditam na maldade e não sabem se defender; os lobos são predadores violentos e atacam os fracos (as ovelhas); e os pastores são as pessoas abençoadas pela agressividade e que têm necessidade de

defender as ovelhas e enfrentar os lobos. O pai é categórico ao afirmar não se criam ovelhas nem lobos em sua família e que Kyle já se reconhece como um lobo. O diretor salienta a noção de responsabilidade pelo bem estar, pela proteção dos membros de sua família e amigos, ensinada desde a infância pelo pai.



Quando Kyle e seu irmão caçula já estão adultos participam de torneios de vaquejada. Quando estão assistindo televisão, noticiam-se ataques com bombas explosivas a embaixadas americanas, vitimando oitenta mortos e mais de mil e setecentos feridos, dentre eles, oito americanos, sendo uma criança. Nesse momento, o sentimento de “Pastor”, de responsabilidade aflora novamente e Chris Kyle decide alistar-se na Marinha no dia seguinte, já com intenção de integrar o SEALs – Grupo de Operações Especiais das Forças Armadas dos Estados Unidos.

A partir de então, seguem-se cenas sobre o treinamento militar de Kyle na Marinha dos Estados Unidos, onde o diretor do filme explora as adversidades físicas e psicológicas vivenciadas pelos candidatos, através do discurso desafiador e desmoralizador dos instrutores militares, como nas seguintes falas:

“Vai desistir, é? Eu tenho certeza que vai desistir. Você é muito fraco!”... “Hoje sai um ou dois guerreiros desse pelotão!” Quem desiste aqui, desiste no campo de batalha!”... “Olha só essa cara gorda! Meu filho, você é um idiota, que só come batata frita com refrigerante! Eu conheço o seu tipo! Belof, esse é o seu nome agora”.



Estas adversidades vivenciadas durante o treinamento militar (mergulho coletivo no mar a uma temperatura de 13°C, atividade física no solo, sob o sol quente e com

atos d'água de mangueira hidráulica no corpo e rosto, privação do sono) são evidenciadas pelo diretor do filme.

Nesse contexto de treinamento, as corporações militares apresentam características de uma instituição total. Segundo Goffman (1988), as instituições totais são organizações fechadas, onde um grupo numeroso de indivíduos permanecem reclusos por determinado tempo, utilizando uniformes e cortes de cabelo padronizados, realizando variadas atividades laborais de e de lazer sempre conjuntamente, sob o gerenciamento e vigilância permanentes de poucos instrutores.

A vivência militar vai promovendo gradativamente a mortificação do eu nos candidatos reclusos, a formação de uma nova identidade social. Nesse período de reclusão, o discurso institucional objetiva introjetar os preceitos militares consequentemente, criando-se novos comportamentos aos moldes da instituição (LEAL, 2013; HALPERN; LEITE, 2014). Aqui, o termo “mortificação do eu”, faz referência à gradativa formulação da autoimagem emergida na socialização com os demais indivíduos, concomitante à degradação de sua própria imagem e da imagem de seus amigos, familiares (GOFFMAN, 2001).

O filme segue e, na cena posterior, em um momento de diversão num bar com seus amigos, Kyle conhece Thaya, personagem que será sua futura esposa. Nesse momento, é importante ressaltar do diálogo deles, o fato dela definir os SEALs como sujeitos arrogantes, convencidos, egocêntricos. Kyle discorda e explica que ele não é egocêntrico: *“Eu daria a minha vida pelo meu país, porque ele é o melhor país da Terra. E eu faria tudo para protegê-lo”!*

Nessa fala, o autor destaca o sentimento de patriotismo, como também faz alusão ao heroísmo, valores cultivados e perpetuados nas instituições militares. A cultura do comportamento militar, moldado segundo os preceitos militares, ultrapassa os limites físicos de treinamento e norteia a vida social desses indivíduos em suas relações sociais (NUMMER, 2012; LEAL, 2013; HALPERN; LEITE, 2014).

Nas cenas subsequentes, Chris Kyle destaca-se dos demais no treinamento militar e segue, paralelamente, em um relacionamento amoroso com Thaya. Em suas conversas, Kyle explica que sua vontade inicial de ser vaqueiro evoluiu para *“algo maior”* e, por isso alistou-se. Expõe ainda sua intenção de *“estar preparado para fazer meu trabalho”*, quando precisar atirar em alguém.

O diretor aborda o evento de 11 de setembro de forma discreta e, após essa menção, ocorre o casamento de Kyle e Thaya. Três dias depois do casamento, Kyle,

juntamente com sua turma de treinamento (agora já militares formados), são escalados à primeira missão no Iraque, com duração prevista de seis meses. O objetivo desta missão configura “*proteger a 1ª Divisão a qualquer custo. Manter os fuzileiros em segurança e voltar pra casa*”. O diretor destaca a ansiedade e euforia, de certo modo ingênuas, daqueles milicianos, durante a festa de casamento..

Já na cena seguinte, o filme retorna ao seu início, no Iraque, onde o atirador de elite americano precisa decidir se atira ou não na criança com a granada russa nos braços, correndo em direção ao comboio de militares americanos. Ele hesita por alguns intermináveis segundos e aciona o gatilho, atingindo mortalmente o garoto. Em seguida, ao ver a mãe do garoto arremessar a mesma granada em direção ao comboio, o atirador de americano de elite atira e mata-a também. Em seguida, Kyle recebe congratulações e o reconhecimento de seus companheiros e de seu superior pelo trabalho bem realizado, por ter “*perdido a virgindade*”. Mas ele vivencia um conflito com seus sentimentos por sua “*primeira morte ter sido assim*”, atirar em “*um garoto que nem tinha pelos no saco*”. Matar, nesse momento, não é um ato automático, não significou um prazer para o sniper.

No entanto, logo na próxima cena, Kyle mata dois iraquianos, com dois tiros certos, sem hesitar e sem sentimentos conflitantes. Segue salvando a vida de muitos militares compatriotas da sua divisão; permanecendo em posição de combate, em prontidão por horas seguidas, totalizando 6 mortes no primeiro turno, para admiração do seu grupamento.

O objetivo das atividades realizadas na academia militar, através dos os momentos de privação de sono, de fome e sede, visando o desenvolvimento da tomada de decisão, a formação do espírito de corpo, agora estão sendo evidenciadas pelo diretor do filme. O atirador americano permanece horas na mesma posição (deitado sobre o solo, apoiado sobre os braços, segurando o armamento, dedo engatilhado, mirando um possível alvo), aguardando o momento exato para atirar. Nesse período, ele não se alimenta, não vai ao banheiro, não dorme.



Neste mesmo caminho, observa-se a abordagem do diretor à motivação peculiar de um SEAL, fato abordado por Atkinson (1964, p.11, apud Kellet, p. 14), que define motivação como “as influências imediatas sobre a direção, o vigor e a persistência da ação”, estando esta relacionada diretamente à pré-análise do militar, mesmo que seja de forma inconsciente. Colmerauer; Zannini; Migueles; (2014) dialogam com Atkinson (1964) ao afirmarem que as tropas especiais possuem elementos característicos germinadores de motivação, os quais facultam a conquista de resultados melhores.

Para Davis e Newstron (1992), a motivação configura um impulso para superar desafios, prosseguir e prosperar na conquista de suas metas. Onde a concretização do feito preenche os requisitos de satisfação pessoal, independentemente das variáveis envolvidas em seu percurso.

Na próxima cena, o atirador de leite vai fazer sua refeição junto aos demais milicianos na base militar americana no Iraque e seus amigos o recebem com brados de “lenda”, “herói”. Nesse momento, um de seus companheiros de farda explana, em tom de brincadeira, que Kyle seria capaz de matar cem homens com um único tiro. Os dois riem e seguem sua refeição.



Na seara militar, como evidenciado em variadas cenas no filme, os combatentes parecem compartilhar o culto à imagem do herói democrático da mitologia grega, Ulisses. Este ser mitológico, frente a situações perigosas, teria proclamado: "Eu sou aquele que é necessário, quando necessário". Sob essa égide, ser membro de um grupamento militar especializado configura motivo de orgulho, de superação própria. Para ser um militar especializado, é preciso treinamento constante, diuturnamente, com exaustão física, psíquica e emocional, a fim de estar preparado para combater em todo e qualquer tipo de ambiente e enfrentar as mais diversas situações.

O filme, ao abordar o culto do policial herói, de ser uma “lenda”, como Kyle passa a ser chamado no meio militar, personifica o que Moura (2015), Ely (2007) e Nummer (2010) apontam como a vinculação, ainda recorrente, da imagem da força, de retidão de caráter, germinando a expectativa da excelência em suas atividades. E, ao

serem membros da mesma sociedade, na qual agirão de forma protetora ou repressora, estando expostos tanto a reprovações, quanto à magnificência (GUEDES, 2009).

A cobrança pela excelência profissional fica clara na cena em que, diante os elogios e reconhecimento dos demais militares, o personagem Cris Kyle não está totalmente satisfeito com seu trabalho, afirmando que deve melhorar, pois seus compatriotas ainda estão sendo abatidos em combate. A partir disso, o atirador americano, sabendo-se mais qualificado que os demais, decide integrar o grupo de militares em solo, participando, também, das incursões terrestres.

Seguindo esse raciocínio, Guedes (2009) destaca que, entre os militares dos grupamentos especializados, agir com perícia e prudência, com vigilância e prontidão configuram uma constante em suas atividades profissionais. Esses combatentes não julgam nem contestam. Eles operam “sob seu juízo de valor, pautados na soberania da qualificação por excelência” (GUEDES, 2009, p.77).

Nesse contexto, obter êxito na missão, ser responsável pela restauração da paz e preservação da vida, dentro dos parâmetros legais, tudo isso durante um confronto armado, faz emergir indivíduos “combativos e racionais, por vezes inflexíveis, mas sensíveis à vida humana, o que eventualmente os remetem ao ideal de heróis e infalíveis” (GUEDES, 2009).

Algumas cenas depois, Chris Kyle está nos Estados Unidos com sua esposa e demonstra aborrecimento com o descaso das pessoas civis com a guerra. Sente-se frustrado por não estar em combate com os outros militares americanos, mas não conversa sobre suas aflições com ela. O diretor demonstra a insatisfação de Kyle em estar em casa e a de sua esposa em perceber isso.

Nessas cenas, observa-se, novamente, o atrelamento da profissão ao seu cotidiano, a cobrança pessoal pela excelência profissional, realidades mencionadas por Nummer (2010) e Guedes (2009).

A cena que segue, exhibe o sniper americano retornando ao Iraque, em sua segunda missão e, ao saber que é o homem mais procurado naquele país, com a recompensa de \$180.000,00 por sua cabeça, faz uma brincadeira a respeito e todos riem. Em seguida, fixa sua atenção apenas na determinação de seu superior, qual seja a de matar o “açougueiro”, cujo é o executor de iraquianos que conversam com americanos.



Já em terras iraquianas, a cena posterior exhibe Chris Kyle feliz, sorridente e interagindo com seus compatriotas, durante um jantar na casa de um iraquiano. Durante o jantar, o sniper americano descobre, na sala ao lado, um esconderijo com armamentos de guerra e obriga o anfitrião iraquiano a entrar no restaurante próximo à sua residência, onde, supostamente, estaria o “açougueiro”. O iraquiano segue as determinações de Kyle e, quando a porta do restaurante é aberta, inicia-se mais um combate, com trocas de tiros, bombas e afins, finalizando com Kyle explodindo o carro de fuga do “açougueiro”. No entanto, os americanos não conseguem confirmar a morte do inimigo, pois uma pequena multidão de rebeldes iraquianos avança furiosa em direção ao comboio americano, que decide retornar à base americana.

Após essa cena, aparecem Kyle e seu filho na antessala de uma oficina de carros, quando o militar é abordado por um veterano de guerra. Matson, o veterano, identifica-se a Kyle, agradecendo por ter salvado sua vida. Nesse momento, Matson exhibe sua a prótese na perna direita e diz *“Não tem sido fácil, o senhor sabe. Mas muitos perderam muito mais do que uma perna. Estou falando dos que sobreviveram. Daqueles que voltaram, mas não voltaram de verdade. Dos que nunca conseguiram se recuperar. Por que você não faz uma visita ao centro de veteranos qualquer dia? O pessoal ia adorar. Todos sabem quem é “A lenda”, olhando fixamente para o atirador de elite.*

Durante essa conversa, Chris Kyle fica visivelmente desconfortável, evitando o contato visual com Matson o quanto pode, respondendo efusivamente às investidas do veterano. Então Matson abaixa-se e fala ao filho de Kyle *“seu pai é um herói. Ele me ajudou a voltar para a minha família. Obrigado por ceder ele pra gente”*. Esta fala deixa o sniper ainda mais desconfortável.



A próxima cena exhibe o descontrole emocional de Chris Kyle na maternidade, ao ver sua filha chorando no berço, enquanto a enfermeira carrega outro bebê no colo. Kyle bate no vidro e fala, inicialmente, em tom calmo para ela cuidar de sua filha, mas, ao perceber a “desobediência” da enfermeira, ele fica visivelmente irritado, bate mais vigorosamente no vidro, agora, gritando para ela cuidar de sua filha.



Essas cenas provocam certa inquietude no espectador, ao demonstrar que o sniper americano sente-se estranho com o título de herói a ele atribuído, sente-se mais à vontade em campo de batalha, do que em ambiente familiar e/ou social.

Sobre a reação alterada de Kyle com a enfermeira, Guedes (2009) explica que militares de grupamentos especiais são treinados para agir e reagir de prontidão. Usam o termo “Sempre pronto” para expressar tal prontidão para o combate e esperam o mesmo padrão nas respostas às suas demandas.

A seguir, o atirador americano está no quarto com sua esposa, Thaya, e filha em sua casa e ela expõe seu descontentamento e preocupação ao sentir o marido distante, frio emocionalmente, mesmo quando está ao lado dela. Então desabafa: *“Odeio os SEAL’s por isso. De verdade. Você é o meu marido, é o pai dos meus filhos, mas eles é que têm prioridade”* No que Kyle responde, sem encarar a esposa: *“É. Mas eles não podem esperar, nós podemos”*. Thaya fica surpresa com tal resposta e, com lágrimas nos olhos e no rosto, alerta seu marido de que *“Brincar com fogo só é divertido por um tempo”*. Kyle levanta-se, entrega sua filha à esposa e sai do quarto.

O filme segue em nova cena no Iraque, representando a terceira missão de Chris Kyle. Nesta, quatro SEALs estão percorrendo as ruas num jipe militar, quando Beagle, outro SEAL da turma de Kyle, informa ter comprado um anel de noivado dos selvagens (em campo de guerra), pois é mais barato, que comprar nos EUA. Kyle recrimina o amigo, afirmando que poderia ser um *“diamante de sangue”* (oriundo da morte de alguém). Beagle então retruca que Kyle já *“derramou tanto sangue, que é conhecido como a lenda”*. E o atirador de elite afirma: *“É, Só que não foi por um anel”*. E Beagle fala: *“Tô nem aí. Isso é a maior hipocrisia”*.

A banalização da violência é retratada no referido diálogo entre Kyle e o fuzileiro, onde o importante para os dois é não contar à noiva do fuzileiro a verdadeira procedência do anel de noivado. Desconsideram-se as vítimas de uma guerra sangrenta, afinal os fuzileiros americanos estão ali para cumprir seu dever, qual seja eliminar os inimigos iraquianos e seus apoiadores.

De volta a cena, o jipe militar americano sofre ataque balístico terrestre e os SEALs alojam-se no telhado de uma casa, ainda conversando sobre ao anel de noivado, quando Beagle é atingido por um projétil no rosto, que foi disparado pelo atirador de elite iraquiano, e cai sangrando no chão. Kyle faz vários disparos e, ao mesmo tempo, solicita um médico, carregando seu amigo ferido no rosto.



Após constatar a estabilidade clínica de Beagle já sob cuidados médicos da base militar, Kyle e os demais SEALs e fuzileiros decidem retornar ao local do ataque objetivando uma retaliação, usando a expressão “Olho por olho, dente por dente”, conhecida como “lei de talião”, criada na Mesopotâmia, a qual prega a punição ao autor do crime, em igual medida ao dano por ele causado.

A cena seguinte mostra, porém, que a decisão de retornar foi errada, pois os iraquianos haviam preparado uma emboscada, na qual foram vitimados mais dois atiradores de elite americanos. Nessa cena, a câmera fixa na reação facial de Kyle, expressando um misto de incredulidade no que está acontecendo e culpa pela morte de mais um amigo. Mais uma referência á imagem do pastor, ao senso de responsabilidade pelos seus, o qual foi introduzido por seu pai e ratificado na academia militar.



Nessa linha de pensamento, vislumbramos uma possível compreensão acerca dos questionamentos de Chris Kyle, a cobrança pessoal diante a morte dos seus

companheiros de farda. Pois para ele, a imprudência é inescusável e inaceitável, já que está intimamente relacionada ao impulso, e a negligência.

Seguem-se cenas com o transporte aéreo de cinco caixões cobertos com a bandeira americana, o enterro de Mark (um dos SEALs atingidos na emboscada), onde sua mãe leu uma carta redigida por ele, na qual constava sua desilusão com a carreira militar, com os horrores vivenciados na guerra. E, para surpresa de Thay, Kyle é categórico ao afirmar que *“ele desistiu e pagou o preço por isso”*, e tal desesperança foi a causa de sua morte.

O diretor do filme deixa claro, nessa cena, que se o militar estiver em constante treinamento, mantiver o foco racional, se for comprometido integralmente com a missão, o sucesso será uma consequência. Esse dogma acompanha Chris Kyle e ele expõe sua ávida intensão em retornar ao Iraque a fim de vingar os amigos vitimados em combate, durante uma conversa com o sniper Beagle, agora, hospitalizado. Kyle informa a localização dos assassinos dos SEALs e afirma, de forma veemente, que vai *“caçá-los e encurralá-los [...] “Nós temos que fazer isso. Você é meu irmão e eles vão pagar pelo que fizeram com você”*. Então Beagle finaliza a conversa: *“É isso aí, Lenda, manda ver!”*.



Na próxima cena, o sniper americano conversa com sua esposa, na cama do casal, sobre sua (dele) decisão de retornar mais uma vez ao Iraque. Às contestações da esposa, sobre seu desejo de morrer, sobre sua falta de limites, sobre não reconhecer a hora de parar, ele apenas responde que ela ficará bem e que faz isso para proteger sua família, que precisa proteger o seu país. Thaya então, já em prantos, implora para Kyle ficar, diz precisar dele, que ele tem de voltar ser humano. Ele então a abraça com ternura em seu peito e a cena termina.

O filme demonstra novamente o íntimo atrelamento de sua profissão militar à sua vida particular, quando expressa o desejo quase automático de Kyle combater, em detrimento do seu convívio familiar e social, como já deferido por Nummer (2010); Leal (2013); Halpern; Leite (2014) nesse artigo.

A seguir, Kyle já em terras iraquianas, é informado sobre o falecimento de seu amigo Beagle e fica, visivelmente, abatido. Logo depois, o atirador está posicionado em um telhado em companhia de outro militar, e, enquanto deixa uma mensagem carinhosa à sua esposa e filhos, atinge mortalmente um iraquiano que mirava uma bazuca em direção ao comboio americano. Ainda na mesma cena, um garoto pega a bazuca em seus braços com dificuldade, olha para o comboio... Concomitantemente à ação do garoto, Kyle, que o mantém sob sua mira e dedo engatilhado, fala para si mesmo “*não pega essa arma, moleque. Não pega. Seu desgraçado. Solta logo essa merda. Solta, seu idiota*”. Finalmente, o garoto desiste de usar a bazuca (por medo ou por inaptidão), larga a arma bélica no chão e sai correndo, para evidente alívio do atirador de elite americano, o qual já estava angustiado com a possibilidade de precisar matar mais uma criança.



As cenas subsequentes exibem a ávida perseguição de Chris Kyle a “Mustafah”, o atirador de elite iraquiano, e a conseqüente morte do vilão, cujo foi atingido por um projétil de arma de fogo na cabeça, disparado a uma distância de 2.100m pelo sniper americano. Logo após a morte de Mustafah, Kyle, ainda na cena de combate, telefona para a sua esposa e declara estar pronto para voltar. Nesse momento, o grupamento militar americano fica cercado por inúmeros iraquianos, sob uma forte tempestade de areia, mas consegue ser resgatado pelo grupamento aéreo.

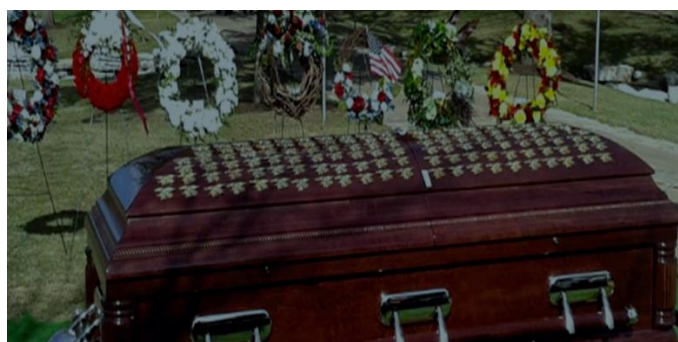
O diretor ao usar novamente uma criança no cenário de guerra, a morte do sniper iraquiano pelo tiro certo de Kyle, mesmo a uma longa distância, em ambiente tenso de guerra, remete, mais uma vez, ao nível de excelência deste militar, o qual nunca erra, agindo sempre com prudência e precisão, decidindo sempre pela conduta acertada, conforme ensinado e preconizado na academia militar.

Chris Kyle retorna à sua casa, mas apresenta dificuldades para adaptar-se ao âmbito familiar e social. Durante consulta psiquiátrica, confirma as 160 mortes atribuídas a ele e ratifica, com entusiasmo, ter feito aquilo para salvar o grupamento militar americano e estar preparado para encontrar Deus e “*responder por cada tiro*” disparado. Afirma ainda que sua única insatisfação, a razão do seu desconforto são as vidas não protegidas por ele, os soldados mortos em combate. Demonstra o latente

desejo em retornar ao Iraque para salvar mais compatriotas. Então o psiquiatra o leva para conversar com ex-combatentes mutilados, objetivando que o sniper observe e aprenda algo com aqueles veteranos de guerra com sequelas físicas e psicológicas.

A partir de tal evento, Chris Kyle dispensa horas dos seus dias na companhia dos veteranos e parece estar mais adaptado ao ciclo familiar, quando, irônica e inesperadamente, surge uma cena com letreiros informando que o sniper americano, foi assassinado por um ex-fuzileiro naval com problemas psiquiátricos, que recebia sua ajuda.

A cena final exhibe o cortejo e cerimônia fúnebres acompanhados por centenas de americanos.



O filme demonstra claramente a adequação do termo instituição total e suas peculiaridades às academias militares, sobretudo, no período de treinamento, como apontam os autores Goffman (2001); Leal (2013), quando os internos usam o mesmo uniforme, realizam suas atividades curriculares e extracurriculares em conjunto, sempre sob a vigilância de um superior.

Os objetivos da academia militar em “forjar o corpo”, promover a tomada de decisão, a ação/reação em prontidão, o espírito de corpo, a liderança e o culto ao herói e a ingerência da cultura do trabalho na vida pessoal configuram uma realidade nas instituições militares e são claramente apresentados no filme analisado.

REFERÊNCIAS

BENELLI, S.J. A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. **Estudos de Psicologia**. Campinas: PUC, v. 21, n.3. dez. 2004.

COLMERAUER, Márcio; MIGUELES, Carmen; ZANINI, Marco Tulio. **A ponta da lança: intangíveis em equipes de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

DAVIS, Keith; NEWSTRON, John. **Comportamento humano no trabalho**. São Paulo: Pioneira, 1992.

ELY, F.R. **A saúde do trabalhador e o trabalho nas organizações policiais: o campo de referência teórica**. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 105 p.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GUEDES, Catia. **Investigação da impulsividade pela prova de Rorschach em policiais militares do comando de missões especiais da Polícia Militar do Pará**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

HALPERN, E. E.; LEITE, L. O “uniforme” e o “copo”: entrecruzamentos (des) necessários. **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia, n. 36, 2014.

KELLETT, A. **Motivação para o combate**: o comportamento do soldado na luta, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1987.

LEAL, Giuliana Franco. Socialização em uma instituição total: implicações da educação em uma academia militar. **Educação e Sociedade**; Campinas: UNICAMP, v. 34, n. 123, jun. 2013.

MOURA, T.M.S. **Percepções sobre adoecimento e risco no trabalho dos policiais militares do Ceará**. programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. 125p.

NUMMER, F. V. **“Ser brigadiano” ou “Trabalhar na Brigada”**: Estilos de vida entre os soldados da Brigada Militar. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. 261 p.

Ilca Patrícia Caldas Cardoso
Mestranda em Segurança Pública UFPA

Fernanda Valli Nummer
Coordenadora Tela Crítica UFPA, Belém